



XX Colóquio Internacional de Gestão Universitária - CIGU 2021

*Universidade frente aos desafios da Pandemia:
Cenários Prospectivos para a Gestão Universitária*

Evento virtual
24 e 25 de novembro de 2021
ISBN: 978-85-68618-08-0



GÊNEROS DISCURSIVOS BAKHTINIANOS NA MULTIDISCIPLINARIDADE: OS DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO NA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

SUSANA NUNES TAULÉ PIÑOL

Instituto Federal Catarinense

susana.pinol@ifc.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta algumas formas de subjacência dos gêneros discursivos em processos comunicativos institucionais pautando-se no dialogismo do Círculo de Bakhtin e traz para a análise um recorte empírico de uma tese que evidencia uma situação exitosa envolvendo duas equipes com formações na elaboração de um projeto que alinhava pesquisa e extensão. Como propósito, por meio de um estudo qualitativo exploratório amparado em análises bibliográficas e entrevistas, busca-se evidenciar a complexidade na busca de compreensões ativas em processos comunicativos com um outro, que no caso da internacionalização da educação superior, vai além de procedimentos tradutórios. Como objetivos específicos pretende-se a) apresentar a relação entre os estudos bakhtinianos sobre gêneros discursivos e como estes subjazem em circunstâncias de multidisciplinaridade; b) evidenciar os desafios localizados no processo comunicativo de um trabalho de pesquisa e extensão, envolvendo equipes com formações distintas; c) apontar alguns aspectos relevantes no âmbito da internacionalização da educação superior considerando as interferências dos gêneros discursivos em processos comunicativos de instituições educacionais.

Palavras chave: comunicação, compreensão ativa, gêneros discursivos, gestão, Bakhtin.

1. INTRODUÇÃO

As instituições de ensino são perpassadas por vários gêneros discursivos: o enunciado e a forma de registro; o destinatário original; as entonações; as posições enunciativas: formação profissional; experiência de vida; experiência profissional; concepções ideológicas; auditório social idealizado entre outros fatores que influenciam o seu julgamento de valores. Se estas formas distintas de observar e compreender a realidade interferem na comunicação de uma universidade, que desdobramentos poderiam ser antecipados com vistas à internacionalização da educação superior?

Neste percurso, este artigo tensiona esta questão pautando-se no dialogismo do Círculo de Bakhtin e traz para a análise um recorte empírico de uma tese que evidencia uma situação exitosa envolvendo duas equipes com formações e gêneros discursivos distintos na elaboração de um projeto que alinhava pesquisa e extensão. Como objetivos específicos pretende-se a) apresentar a relação entre os estudos bakhtinianos sobre gêneros discursivos e como estes subjazem em circunstâncias de multidisciplinaridade; b) evidenciar os desafios localizados no processo comunicativo de um trabalho de pesquisa e extensão, envolvendo equipes com formações distintas; c) apontar alguns aspectos relevantes no âmbito da internacionalização da educação superior considerando as interferências dos gêneros discursivos em processos comunicativos de instituições educacionais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um distanciamento da esquematização do sistema de comunicação, um emissor e um receptor, de Ferdinand de Saussure, possibilita uma série de ponderações diante da complexidade das relações comunicativas singulares e irrepetíveis que permeiam os mais variados contextos sociais. Para tanto, uma breve abordagem dos estudos do Círculo de Bakhtin oferta uma outra forma de compreender as enunciações e os efeitos dos gêneros discursivos nos processos comunicativos, evidenciando não apenas a fragilidade de procedimentos tradutórios, mas as sutilezas dos endereçamentos, do auditório social, desvelando suas interferências em contextos de gestão perpassados pela multidisciplinaridade.

2.1 O CÍRCULO DE BAKHTIN E A COMUNICAÇÃO COMO FENÔMENO PLENO, COMPLETO E REAL

O Círculo de Bakhtin era uma escola do pensamento russo do século XX, centrada no trabalho de Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) que examinava a maneira pela qual a linguagem registrou os conflitos entre grupos sociais (BRANDIST, 2019, p.1). Os membros do Círculo incluíam Matvei Isaevich Kagan (1889-1937); Pavel Nikolaevich Medvedev (1891-1938); Lev Vasilievich Pumpianskii (1891-1940); Ivan Ivanovich Sollertinskii (1902-1944); Valentin Nikolaevich Volochínov (1895-1936) e o trabalho do Círculo é multifacetado, além da filosofia abarca a antropologia, os estudos literários, a historiografia e a teoria política, mas tem em comum uma concepção sociológica da linguagem.

No âmbito deste artigo destaca-se os estudos de Valentin Nikolaevich Volochínov. Na perspectiva deste filósofo, o mundo interior e o pensamento de todo o indivíduo possuem seu auditório interior estável. Explica Volochínov (2016, p.211) que “a personalidade falante, tomada, por assim dizer, por dentro, é inteiramente um produto das inter-relações sociais”; a palavra é orientada para o interlocutor, para quem é esse interlocutor. Ao analisar as principais

tendências dos estudos da linguagem no século XIX e no início do século XX, como as escolas de Humboldt e Saussure, Volochínov propõe um método sociológico com destaque aos gêneros do cotidiano. Ao longo da obra, o autor expõe os problemas de sintaxe e do diálogo desenvolvendo um texto argumentativo sob uma ótica que se distancia do enunciado isolado monológico e aproxima-se do enunciado como comunicação discursiva.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin, por sua vez, utilizou-se do termo dialogia para descrever a vida do mundo da produção e das trocas simbólicas tendo a linguagem como tópico crucial. Por volta de 1950, Bakhtin analisa duas dimensões evocadas como condição da existência de um texto: a dimensão semiótica, que o constitui e o faz participante de um sistema; e a singularidade que lhe é conferida a partir de sua participação na cadeia da comunicação discursiva da vida em sociedade.

O conceito de diálogo bakhtiniano não se restringe ao típico entendimento da comunicação face a face ou remete a uma reciprocidade imediata. Ele se apresenta de forma muito mais complexa. Distanciando-se do linguista e filósofo suíço, Ferdinand de Saussure, o Círculo dedica-se aos aspectos dos domínios do extralinguístico, ao passo que Saussure se dedica aos estudos linguísticos concernentes apenas ao sistema linguístico. Tal abstração é perfeitamente justificada, mas, frisa Bakhtin (2016, p. 26), “sob uma condição: a de ser nitidamente compreendida apenas como abstração e não ser apresentada como fenômeno pleno concreto e real”. Bakhtin (2016, p. 27) critica veementemente o esquema abstrato que acontece na linguística; tal esquema “deforma o quadro real da comunicação discursiva, suprimindo dela precisamente os momentos mais substanciais. [...] o papel ativo do outro [...] sai extremamente enfraquecido.”

2.1.1. A compreensão dialógica na multidisciplinaridade: os gêneros discursivos na academia

A concepção básica da linguagem no Círculo é a interação verbal e seu caráter fundamentalmente dialógico. Relata Souza (1994, p. 99) que “toda enunciação é um diálogo; faz parte de um processo de comunicação ininterrupto. Não há enunciado isolado, todo enunciado pressupõe aqueles que o antecederam e todos os que o sucederão.” Para Bakhtin (2016, p. 83), a compreensão é sempre dialógica: “ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito”. Sendo um outro, percebe a realidade de forma diferente; e por este outro o enunciado é percebido, por um outro repleto de palavras interiores. “Todas as suas vivências – o assim chamado fundo de apercepção - são dadas na linguagem do seu discurso interior e é apenas assim que elas entram em contato com o discurso exterior percebido” (VOLOCHÍNOV, 2016, p. 254).

Na ocasião de exprimir-se o falante projeta seu enunciado aos seus destinatários. Aquilo que normalmente é chamado de “individualidade criativa” expressa a linha fundamental, firme e constante da orientação social de alguém. A estrutura do enunciado, bem como da própria vivência expressa, é uma estrutura social. “Cada gota nele é social, assim como toda a dinâmica de sua formação” (VOLOCHÍNOV, 2016, p. 216). A ausência desta compreensão nos processos comunicativos institucionais traz um transbordar de equívocos e de desentendimentos, sobremaneira, quando a posição enunciativa dos interlocutores, ainda que partícipes da esfera acadêmica, apresentam significativos distanciamentos.

A palavra, material privilegiado da comunicação na vida cotidiana, é expressiva porque nasce nas circunstâncias em que a palavra entra em contato com uma situação real, concreta. O

emprego da língua opera em forma de enunciados, orais e escritos e uma característica constituinte e necessária de qualquer enunciado é sua direcionalidade, sua qualidade de dirigir-se a alguém (BAKHTIN, 2016).

A língua materna chega para nós a partir de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós reproduzimos na comunicação viva com as pessoas que nos rodeiam. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam a nossa experiência e a nossa consciência juntas e estritamente vinculadas. (BAKHTIN, 2016, p. 38)

Nas palavras de Lima (2018, p. 193), “a orientação social do discurso se dá de forma dupla: primeiro, porque é voltado ao outro (direcionalidade); e, segundo, porque é motivado pelos discursos de terceiros (responsividade)”. Logo, além dos elos precedentes, há de se considerar os elos que sucedem o enunciado na cadeia de comunicação. Por este mesmo motivo, a análise de um enunciado isolado, sem considerar a posição enunciativa do sujeito que enuncia e o endereçamento da enunciação, para efeitos de uma compreensão ativa, é mera abstração.

Os gêneros discursivos indicam pertencimentos, comunidade, história, memória, linguagem do cotidiano, oralidade (STREET, 2010). Na prática percebe-se a mudança de gêneros discursivos quando há deslocamentos entre unidades da atividade humana. O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão indissolivelmente ligados no conjunto do enunciado e são, como explica Bakhtin (2016), igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação.

O acabamento do gênero discursivo, explica Volochínov (2016, p. 222), corresponde às particularidades ocasionais e singulares da vida cotidiana, formas de comunicação cotidiana mais ou menos estáveis, fixadas pelo cotidiano e pelas circunstâncias.

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nos quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época, e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em roupagens verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças etc. [...]. (BAKHTIN, 2016, p. 54)

O centro organizador de qualquer enunciado não está no interior, ao contrário, está no exterior, no meio social que circunda o indivíduo (VOLOCHÍNOV, 2016, p. 216). As enunciações ganham outros contornos quando a palavra é passada ao outro. Reuniões de colegiado diferem-se de bancas de defesa, palestras diferem-se das aulas, formaturas diferem-se de eventos científicos, não apenas em função dos protocolos seguidos. A entonação, a indumentária, os cumprimentos são revestidos de determinados contornos. Entretanto, uma observação mais detalhada, interdepartamental, também localizará certas diferenças específicas da área de conhecimento, perceptíveis inclusive nos murais de cada departamento. Este emprego de certos gêneros faz parte da prática do falante e é tão presente que o próprio falante, em termos teóricos, desconhece inteiramente a sua existência.

O que todas essas linguagens têm em comum é “o fato de constituírem cada qual pontos de vista específicos sobre o mundo, [...] concepções do mundo específicas, cada qual caracterizado por seus próprios objetos, significados e valores” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 157). A obra de *Pedra que te quero palavra* de Marcela Marques do Nascimento (2010) evidencia estas questões. Em seus estudos, que envolvem os debates entre antropólogos, dentre os quais, Valentín Calderón, a autora problematiza que as vozes de um discurso têm ressonância

a partir das falas de seus enunciadores. Os registros de Nascimento (2010) revelam polêmicas veladas, confrontos e intencionalidades e atestam: a discursividade na arqueologia é constituída por diferentes enunciados que se configuram ainda na prática discursiva dos trabalhos de campo.

[...] Em se tratando da pré-história, a cultura material, descrita e interpretada pelos arqueólogos (palavras de sujeitos do conhecimento a serem interpretadas por outros sujeitos), se constitui em fonte-escrita documental-interpretativa citada e referida no campo da discursividade. Deste modo, em meio ao permanente diálogo entre diferentes discursos, não necessariamente simétricos e harmônicos, que possam estar inscritos numa comunidade (a comunidade acadêmica arqueológica, por exemplo), numa sociedade e numa cultura, o dialogismo vem instaurar constitutivamente a natureza interdiscursiva da linguagem [...]. (NASCIMENTO, 2010, p. 57)

Em seus estudos, Nascimento (2010, p. 61) analisa o lugar de fala de Calderón em concomitância com o discurso arqueológico que este emite. Um reforço às suas ponderações sobre Bakhtin: “o arqueólogo faz uso da língua que, no seu uso prático, é inseparável do seu conteúdo ideológico ou relativo à vida (BAKHTIN, 2006, p. 99 apud NASCIMENTO, 2010, p. 61).

Valentin Calderón, inicialmente, ao não reconhecer a existência de outros autores que apresentem fontes fidedignas para um diálogo, enuncia, de certo modo, que sua tarefa será construir um discurso sustentado na sua própria voz, ou melhor, marcado por interlocutores pouco presentes na enunciação. [...] No entanto, várias vozes começam a se insinuar no discurso quando Valentin Calderón se reporta ao sítio Lagoa Santa, em Minas Gerais, um dos sítios mais antigos e que gerava as maiores informações para a arqueologia brasileira naquele momento. [...] Embora não tendo sido reconhecida plenamente a competência de pesquisadores estrangeiros, Valentin Calderón considera terem sido estes os responsáveis pela demonstração da diversidade de “evidências de ordem cultural” na região de Lagoa Santa. No que diz respeito às vozes das pesquisas brasileiras, nestes enunciados, estas são enfática e explicitamente desconsideradas, sendo apontado o “amadorismo” na realização de escavações. A formação profissional de Valentin Calderón, bem como suas atividades posteriores na arqueologia, estiveram marcadas pelo contato com estrangeiros. Este arqueólogo foi discípulo de Pedro Bosch Gimpera, um arqueólogo espanhol exilado no México. Na década de 1960, Valentin Calderón foi o único arqueólogo radicado no Nordeste que dirigiu pesquisas segundo o horizonte teórico-metodológico do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, 1965-1970). A representação do mundo no discurso científico de Valentin Calderón esteve fortemente influenciada pela experiência enquanto um sujeito que recebia diretamente influências de escolas estrangeiras e, conseqüentemente, com os quais devia compartilhar dos pressupostos metodológicos, especialmente. (NASCIMENTO, 2010, p. 61)

“Ao longo dos séculos de sua vida, os gêneros do discurso acumulam formas de visão e de assimilação de determinados aspectos do mundo” (BAKHTIN, 2017, p. 16), o que não é restrito apenas a aspectos profissionais. A essência da estratificação social, embora possa coincidir com a estratificação de profissões, é de absoluta independência e originalidade (BAKHTIN, 2006, p. 64); o que nos remete para além da multidisciplinaridade.

2.1.2. A complexidade no diálogo com os públicos da instituição educacional

Visto que a internacionalização da educação superior, como apontam Neves e Barbosa (2020) traz como um de seus benefícios a participação nos fóruns internacionais de pesquisa e debate, “que reforça a participação do sistema de ensino superior na agenda de desenvolvimento

social e tecnológico em cada país e contribui para a melhoria dos níveis nacionais de qualificação da mão de obra especializada”, outra variável que torna o processo comunicativo complexo refere-se aos interesses, por vezes conflituosos, de seus *stakeholders* e a imagem que a instituição deseja imprimir junto a estes públicos.

Segundo Reis (1991), a imagem é criada adicionando-se informação aos conhecimentos, crenças, sentimentos e sensações de um indivíduo. Para Santana (1997), a noção da individualidade da imagem deve-se ao fato desta ser considerada produto de uma mente que associa dados objetivos a crenças, valores e sensações. Em outras palavras, indivíduos diferentes têm diferentes reações devido aos seus referenciais e as suas experiências individuais. Na perspectiva bakhtiniana, que olha para o indivíduo inserido em um contexto social, portanto, sujeito, opera-se que a singularidade e a irrepetibilidade em que determinado enunciado é emitido corrobora na formação de uma imagem do interlocutor institucional, e, em última análise, da própria instituição.

A imagem de uma mesma instituição educacional diverge segundo o público que a observa. Na definição de Kotler e Fox (1994), um público é constituído de um grupo distinto de pessoas e/ou organizações que têm interesse real ou potencial em afetar uma instituição. A Ilustração 1 apresenta os principais públicos de uma universidade.

Ilustração1: A universidade e seus públicos



Fonte: Kotler e Fox (1994, p. 43)

A ecleticidade de públicos remete a imensa variedade de circunstâncias pelas quais flui o processo comunicativo. No contexto da internacionalização da educação superior, para Neves e Barbosa (2020), dentre os obstáculos inserem-se “a barreira linguística e as regras do funcionalismo público que tornam muito difícil atrair professores estrangeiros, ou até mesmo recrutar professores brasileiros de outras universidades”; soma-se a isso o aumento de privatização no ensino superior, o crescimento de instituições educacionais com fins lucrativos,

o crescimento das agências reguladoras e as redes internacionais de pesquisa. Neste intermeio de, por assim dizer, macro intencionalidades econômicas e políticas, há sujeitos e seus enunciados singulares e irrepetíveis que não podem ser analisados de forma isolada, descontextualizados.

Por isto a relevância de não somente trazer informações nos sites institucionais que atendam as distintas necessidades dos diversos públicos como manter canais que possibilitem a aproximação e a comunicação de mão dupla tanto nos sites como nas secretarias e escritórios de relações internacionais para além de operações tradutórias.

3. METODOLOGIA

Em termos metodológicos, este estudo qualitativo exploratório apresenta o recorte de dados de uma tese desenvolvida pela autora ocorre em duas etapas: a análise bibliográfica que busca apresentar a relação entre os estudos bakhtinianos sobre gêneros discursivos e como estes subjazem em circunstâncias de multidisciplinaridade e a análise dos dados coletados por meio de observações e de entrevistas amparadas em técnicas projetivas junto a equipes de áreas do conhecimento distintas que desenvolveram um trabalho conjunto relacionando pesquisa e extensão em uma exposição em um dos museus da cidade. Ambas ações têm como intuito destrinçar alguns aspectos relevantes no âmbito da internacionalização da educação superior considerando as interferências dos gêneros discursivos em processos comunicativos de instituições educacionais.

Em estudos qualitativos, o pesquisador coleta muitos dados acerca do fenômeno que investiga. Na análise dos dados coletados, o pesquisador depara-se com fontes escritas e com fontes orais e traz para dentro do universo científico um discurso sensível à pluralidade das realidades. Tem-se, como destaca Merlo (2010, p. 411), “uma possibilidade não de objetividade, mas de objetivação, que leva em conta a pluralidade das realidades e dos atos”. Por este motivo a análise prima pela percepção dos sujeitos envolvidos. No caso de gênero discursivo eminentemente oral que é a entrevista científica, ainda que discorrendo sobre um tema, ou uma imagem gerada pelo próprio participante, as perguntas mantiveram-se abertas dando maior liberdade ao entrevistado.

4. RESULTADOS

A análise de dados apontou que as circunstâncias de finalização de uma exposição que arriscava-se a permanecer inconclusa aproximou duas equipes com formações distintas: arquitetura e automação industrial, com o propósito de iluminar miniaturas de postes da época de 1930 à 1940 buscando representar a iluminação por meio de queima de combustível para uma exposição museológica que representa em uma grande diorama as edificações e o cotidiano do Centro Histórico da cidade neste período.

O Núcleo de Arquitetura era formado por arquitetos, estudantes de arquitetura e artesãos e manteve-se por um maior tempo participando do projeto coordenado, inicialmente por um modelista naval, e, posteriormente, por um arquiteto que já havia participado, na época de sua formação profissional, como bolsista no mesmo projeto. O Núcleo de Automação ingressou mais ao final do projeto e era formado por professores da área de automação industrial e de engenharia elétrica e alunos bolsistas do curso de automação industrial.

Uma observação mais detalhada das evidências físicas e das circunstâncias de desenvolvimento deste trabalho multidisciplinar apontou que a formação profissional em arquitetura do coordenador do projeto e as visitas sistemáticas de estudantes de arquitetura, incluindo a participação de estagiários e bolsistas desta área, ao longo do processo, realçaram ainda mais a atenção aos detalhes que já vigorava no início do diorama dada a técnica de modelismo naval do antigo coordenador e a pintura artística da artesã que esteve presente desde o início de sua feitura. É como se o auditório interior destes sujeitos estivesse povoado de visitantes atentos aos detalhes técnicos de seu trabalho; mesmo assim, em cada detalhe do diorama: a camisa na cadeira, a roupa no varal, o quarto bagunçado... percebe-se que, para além da conformação geométrica, a vida, o cotidiano dos moradores daquela época é representado. Talvez, por influência dos diálogos que esta equipe estabeleceu com os moradores, descendentes de quem efetivamente habitava a localidade naquela época, em busca de mais detalhes sobre o cotidiano do Centro Histórico. No entanto, os professores e os alunos do curso de automação industrial, por sua vez, também imprimiram seus enunciados forjando-os na exposição em si.

No trabalho coletivo, por assim dizer, mais próximo, o compartilhamento de enunciados concretos em torno do diorama trouxe novas percepções que aglutinaram-se aos sujeitos envolvidos. De forma que foi interessante observar, parte do que aconteceu mediante depoimentos de membros do Núcleo de Automação e do Núcleo de Arquitetura.

Primeiro que é *muito delicado, e a gente passa longe de ser artístico* e conseguir trabalhar com *delicadeza*.... e ter autorização para *serrar, furar* ou danificar a *Maquete* em alguns pontos... [...] eles fazem a primeira etapa do processo que é preparar para a gente trabalhar, depois a gente entra com a parte elétrica e eletrônica.[...] Eu imaginava que a *Maquete* fosse imaculada que a gente não poderia *mexer* nela.. e a gente descobriu que pode... *fura, arrebenta, corta*... não tem problema nenhum. Tudo que a gente precisou fazer foi feito. *Tira* casinha, *desmonta* casinha, *troca* porta, *quebra* porta, as janelinhas e tal... A parte de iluminação interna que não tinha sido prevista deu bastante trabalho para eles refazerem... trocar por porta que abre, por janela translúcida... E tudo isso estava acontecendo muito tranquilamente. (Professor A de Automação Industrial, entrevista em 31/07/2019)

Esse pessoal [...] apesar deles serem muito técnicos, por trabalhar com uma coisa muito técnica: é solda, é circuito, é software, é hardware, eles tiveram uma sensibilidade *muito legal que eu achei*, porque eles fizeram através de um software que eles desenvolveram [...] Eles fazem com que três lâmpadas coloridas, eu acho que é uma vermelha, uma verde e uma amarela, eu acho que elas piscam cada uma delas em uma frequência específica que a luz, a gente não deixa a luz aparecer, a gente esconde ela um pouco e deixa o efeito que ela faz aparecer. E o efeito dela parece uma lamparina, ela pisca, a nuance que ela faz a mistura dessas cores e cada uma acendendo em um determinado momento muito rapidamente ela parece um lampião uma vela. (Coordenador do Projeto e Arquiteto, entrevista em 10/09/2019)

Eles passaram para a gente: “Queremos iluminar algumas das residências, alguns prédios que vão estar na *Maquete*. Nós não sabemos como.” Então passou para a gente para decidir, estudar e verificar como é que seria a parte de automação, parte de eletricidade. E nisso a gente também percebeu que se a gente colocasse luzes estáticas como a gente tem hoje em lâmpadas não representaria o que tinha *naquela época* na vida real. Nas casas não existia eletricidade, o que tinha naquela época eram velas, eram lampiões luzes que não eram fixas branca ou amarela como é hoje mas luzes que sofriam muitas vezes influência de vento intensidade do combustível que estava queimando. E o que a gente fez foi, na hora de implementar a iluminação, projetar um sisteminha que ele fica oscilando a iluminação de modo a imitar esse comportamento de uma iluminação não por lâmpada mas por queima de algum combustível. Isso

partiu daqui e eles gostaram muito. (Professor B de Automação Industrial, entrevista em 31/07/2019)

O comprometimento com a iluminação da época ressoou nas atividades dos membros do Núcleo de Automação.

Trabalhando junto com o professor a gente pesquisou bastante coisa junto com o pessoal do museu para poder ir mais além e mostrar [...] a realidade de como que *era* naquela época. [...] a *Maquete* é de 1940, que é retratado [...] a luz elétrica só tinha nos postes e em algumas coisas porque o gerador era no porto, atual museu. Nas casas [...] era com luz de fogareiros, de vela, então quando a gente foi programar as luzes dentro de algumas casas elas têm essa ondulação na luz porque não é estática por ser uma vela. (Estudante A de automação industrial, entrevista em 31/07/2019)

Para além dos limites físicos e limites de recursos, percebe-se a predominância de um gênero discursivo e a compilação de um discurso resultante de justaposições. Entre o que se quer dizer e o que é dito, há o por quem é dito, o como é dito, o quando é dito, para quem é dito, para quem não é dito e o que não é dito. Nesta transversalidade cabe tecer algumas ponderações concernentes ao auditório social. Na análise da base empírica, no âmago do processo, percebe-se que o gosto por miniaturas e por maquetes presentes nas vozes de membros do Núcleo de Arquitetura aproximava fatores de seus auditórios sociais, especialmente, estudantes e pessoas em formação.

Eu vejo quando entram alunos, por exemplo. Uma turma de quinze alunos [...] teve três que se destacaram. Eu queria sentar com eles e ficar a tarde toda. Tinha uma menininha que deveria estar na terceira ou quarta série ela queria saber *tudo*: Como é que eu tiro as medidas da janela para ficar tão perfeita? Como é que eu faço? Que material eu uso? Como eu faço as pessoas? *Pense!! [...] As crianças todas adoram ver a Maquete. Não tem uma que não goste, porque é novidade! E maquete é maquete. Para criança é uma casinha de brinquedo e sempre tem duas... três que se destacam, sempre! Esta é a minha esperança para o futuro, para este trabalho.* (Artesã, entrevista em 10/09/2019)

As pessoas que vão visitar o museu vão buscando história ou algo interessante de ver. E como a *Maquete* é algo *bem visual* e algo que provavelmente vai ser interativo vai ser muito interessante para o público mais jovem, porque o público mais jovem geralmente não gosta do museu [...] "Ah! Só tem coisa velha lá!" E quando vai no museu e tem mais coisas interativas, digamos que eles ficam mais empolgados. (Estudante B de automação industrial, entrevista em 31/07/2019)

Desde a preparação de seu enunciado, o falante leva em conta o fundo aperceptivo sobre o qual sua fala será recebida pelo destinatário: o grau de conhecimento e familiaridade com o conteúdo, seus conhecimentos especializados, suas opiniões, suas convicções, seus preconceitos (do ponto de vista do falante), suas simpatias e antipatias. A mudança na direção da interação discursiva é condicionada pelo interesse do ouvinte; em outras palavras, o repertório de cada sujeito sempre está à mercê de seu auditório social (VOLOCHÍNOV, 2016, p. 245). A unidade real da linguagem, lembra Volochínov (2016), não é o enunciado isolado monológico, mas a interação de, pelo menos, dois enunciados, isto é, o diálogo. A fraqueza ou a força das tendências sociais da mútua orientação social dos falantes são reveladas nas formas predominantes em diferentes línguas, em diferentes épocas, em diferentes grupos sociais, em circunstâncias que variam conforme os objetivos em questão.

5. CONCLUSÃO

Reunir pessoas com formações diferentes possibilitam perspectivas e maneiras diferentes de ver e falar sobre o mundo. O estudo empírico relatado neste artigo ilustra que mesmo quando há um único objetivo e propósito os sujeitos envolvidos refletem, refratam e agem segundo suas posições enunciativas. Um dos percursos a serem observados, para além do que afirma Malandro (2004, p. 83), que usamos palavras sem reconhecer que elas significam coisas diferentes para pessoas diferentes, é preciso compreender sob a perspectiva bakhtiniana os gêneros discursivos que permeiam todo o processo.

Na academia são empregados gêneros do discurso correspondentes às condições específicas de dado campo. Neste prisma, a compreensão dos objetivos em questão e das posições enunciativas dos sujeitos que participam do diálogo, não necessariamente face a face, reafirma-se como condição relevante ao êxito em processos comunicativos. Compreender a posição enunciativa de quem fala, como fala, para quem fala e com que intenção fala são aspectos relevantes à compreensão ativa tanto como é compreender a posição enunciativa de quem escuta, com que vozes interiores e em que circunstâncias escuta, sem abster do julgamento de valor dos participantes do diálogo.

Um e-mail institucional redigido e compartilhado para uma lista de endereços será lido e interpretado de diferentes formas, ainda que sequer uma vírgula seja reposicionada. Se em um mesmo idioma, tais particularidades se apresentam, não é possível desconsiderar que a operação tradutória supere circunstâncias distintas de percepções da realidade ainda que no âmbito acadêmico. Superada compreensão do “sinal”, quer seja a compreensão de um outro idioma, uma aparente pergunta em um seminário na academia pode, para quem pergunta, configurar a necessidade de compreender melhor o tema; ou, para quem recebe a pergunta, parecer uma forma de testar reais conhecimentos do palestrante.

Em um meio tão controverso e permeado de multidisciplinaridades, os gestores educacionais não devem simplificar a operações tradutórias seus movimentos de internacionalização. Assim alguns apontamentos devem direcionar a qualificação dos setores institucionais voltados à internacionalização:

- Compreender o auditório social para o qual a enunciação será direcionada diante da perspectiva que em qualquer país há particularidades regionais;
- Apurar as posições enunciativas e as prioridades que vigoram no julgamento de valores dos gestores que influenciam os processos decisórios das instituições com as quais pretende-se estabelecer parcerias;
- Monitorar constantemente a presença de vieses interpretativos a tempo de corrigir equívocos em processos comunicativos.

A sincronização de possíveis leituras segundo o perfil, pautado em uma compreensão mais aprofundada do auditório social ao qual o gestor institucional pretende endereçar seu enunciado, em uma sistemática de personalização pode auxiliar, mas também pode dificultar a percepção de outros pontos de vista. O confronto de opiniões diferentes, apesar do desconforto que a falta de consenso suscita, é desejável à compreensão ativa, mas é preciso, apesar das metas institucionais, vigorar a escuta do outro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOTLER, P.; FOX, K. **Marketing estratégico para instituições educacionais**. São Paulo: Atlas, 1994.

LIMA, Nathan Willig. **O lado oculto do fóton: a estabilização de um actante mediada por diferentes gêneros do discurso**. 2018. Tese de Doutorado em Ensino de Física - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MALANDRO, Loretta A. **Estratégias de comunicação: a linguagem dos líderes**. São Paulo: Phorte, 2004.

MERLO, Márcia. O que faço com meus diários de campo? Inquietações de uma antropóloga no design e na moda. *In*: BELUZZO, Gisela; SILVA, Joffre. **Design, Arte, Moda e Tecnologia**. São Paulo: Rosari/Universidade Anhembi-Morumbi. PUC- Rio e UNESP-Bauru, 2010. p. 408–419.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. São Paulo: EDUSP, 2008.

NEVES, Clarisse Eckert Baeta; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. **Internacionalização da educação superior no Brasil: avanços, obstáculos e desafios**. Scielo, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/vd6H5x6RB56rrXkYzKDyGVB/?lang=pt>> Acesso em: 26/09/2021.

REIS, M.C.S. **Imagem Corporativa: Gênese, Produção e Consumo**. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, 1991. 144p.(Dissertação, Mestrado em Administração)

SANTANA, A. **Antropologia y turismo: nuevas bordas, vejas culturas**. Espanha: Editora Ariel, 1997.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas-SP: Papyrus, 1994.

STREET, Brian. **Letramento acadêmico**: escrita de estudantes, teorias de gênero. Revista Brasileira de Linguística Aplicada 10 (2). 2010. pp. 347-361.
<<http://www.redalyc.com/articulo.oa?id=339829613004ER> ->. Acesso em: 06/06/2018.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2016.